



10º Simposio de Ensino de Graduação

PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO: UM RELATO DE PROCESSO INTERVENTIVO EM UMA QUEIXA ESCOLAR SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Autor(es)

ANDRE LUIZ FERREIRA

Co-Autor(es)

GISLAINE APARECIDA DA ROCHA
FERNANDA MAROLLA CHIOVETTO
SAMARA FERNANDA DOS SANTOS
EDCARLOS MAX GOMES DO NASCIMENTO
KARINA APARECIDA SALMAZI
RAFAELA CAPELATO
GREISY KELLY RODRIGUES MENDES

Orientador(es)

NILCE MARIA ALTENFELDER SILVA DE ARRUDA CAMPOS

1. Introdução

A disciplina de Psicologia e Educação IV da Universidade Metodista de Piracicaba, a partir do contato com temáticas pertinentes à compreensão do fenômeno da educação e sua relação com a psicologia, bem como das principais teorias do desenvolvimento e da aprendizagem (Sócio-histórica, Epistemologia Genética e Behaviorismo Radical) possibilita uma visão crítica da posição de centrar no aluno todas as problemáticas presentes na educação. Historicamente, percebe-se um movimento da psicologia na educação, saindo de uma atuação pautada em uma visão médica e organicista, para uma atuação pautada por princípios sócio-históricos. Isto quer dizer que as possibilidades de aprendizagem estavam dadas não apenas por características inerentes ao sujeito, mas sim na relação ensino-aprendizagem, perpassada também, por todas as relações familiares, sociais, e culturais. De acordo com Skinner (1981), trata-se de percebermos o comportamento como multideterminado e fruto de uma história de reforçamento. Ao se tratar de fenômenos como indisciplina e fracasso escolar, é necessário perceber sua multideterminação, e, segundo Machado (1997), não devem ser entendidos como algo natural, pois são fenômenos culturais e sociais, e não individuais. Um fenômeno correlato à questão da indisciplina e do Fracasso Escolar é a Estereotípiã. É comum perceber estereótipos colocados em alunos considerados indisciplinados, impossíveis de se lidar, impossibilitando que eles tenham as mesmas possibilidades que outros alunos. Segundo Baccega (2003) o estereótipo: nos leva a ver a realidade de um modo pré-construído pela cultura e transmitido pela linguagem. A estereotípiã, a indisciplina e o fracasso escolar geram uma escola exclusiva, que passa a selecionar o que é mais adequado ou aceito, sem perceber sua parcela de responsabilidade na criação e perpetuação desses fenômenos. Para a mobilização da escola em direção contrária a esta, há que se refletir, a partir de dados consistentes, sobre o enfrentamento desta realidade.

2. Objetivos

Acolher uma queixa formulada por uma escola, problematizando-a e formulando alternativas para o seu enfrentamento.

3. Desenvolvimento

3.1 A escola Z.G.C. é uma escola pública de Rio Claro - SP, atualmente, com 1.300 alunos. Fundada em 03 de abril de 1992, é uma escola de Ensino Fundamental ciclo II (5ª a 8ª série) e Ensino Médio, com 17 funcionários, e 46 professores. 3.2 Queixa Escolar Segundo a direção e a equipe escolar, os alunos da 5ª1 apresentavam deficiências cognitivas, que resultavam em dificuldades na leitura, escrita e interpretação, ocasionando a indisciplina. 3.3 Sujeito 5ª série I, turma de 34 alunos, com idade de 11 anos, exceto dois alunos de 14 anos, além da equipe escolar. 3.4 - Materiais Utilizados Diários de campo, tiras de papel sulfite com linhas; caneta e uma folha tamanho A3; cartolina, papel crepon, cola, lápis de cor, canetinha, glitter, papel laminado, barbante, tesoura e recortes de descrições de profissões. 3.5 Procedimentos de Coleta de dados A proposta de trabalho foi apresentada à Equipe Escolar e após o consentimento de todos, observações em sala de aula foram iniciadas com o intuito de compreender as relações estabelecidas entre os alunos e professores. Ao todo, foram observadas seis diferentes aulas, de diferentes professores. Após a sexta observação, iniciou-se o processo de intervenção. 3.6 Intervenção As intervenções não seguem uma ordem exata de execução. Algumas delas ocorreram durante todo o trabalho. 3.6.1 Intervenção 1 Foi desenvolvida com o objetivo de analisar a escrita e a leitura dos alunos. Distribuiu-se uma tira de papel, contendo quatro linhas, e posteriormente, colocaram na lousa as seguintes questões: ? O que mais gosto na Escola? ? O que menos gosto na Escola? ? O que poderia mudar na Escola? Os aplicadores solicitaram que os alunos respondessem as questões nas tiras distribuídas, não precisando se identificar. Quando o último aluno terminou de responder, as tiras foram recolhidas e colocadas num saco plástico. Em outro saco haviam papéis com números de 01 a 40. Os aplicadores retiravam um número do saco, que identificava algum aluno na lista de chamada. Tal aluno era convidado a retirar uma tira do saco plástico e lê-la. 3.6.2 Intervenção 2 Desenvolveu-se um quadro, chamado de Placar, para trabalhar com os alunos a questão das regras. No placar eram descritos comportamentos adequados e inadequados. A definição do que era inadequado e adequado foi construída juntamente com os alunos. Cada classe de respostas emitidas e descritas no quadro possibilitava, ao final da aula, o ganho ou a perda de pontos. Quando atingisse 1200 pontos, a sala ganharia o reforço (filme, escolhido de maneira democrática entre opções apresentadas). 3.6.3 Intervenção 3 Desenvolveu-se um trabalho para exposição na escola. Trabalhou-se com eles as profissões que gostariam de seguir. Cada aluno disse qual profissão gostaria de exercer e os nomes das mesmas foram colocados na lousa pelos alunos de psicologia. Ao final, formaram-se grupos de acordo com as profissões em comum para trabalharem na aula seguinte. Os grupos variavam entre dois a seis alunos. Alguns preferiram trabalhar sozinhos. Fizeram desenhos, pinturas, colagens e escritas sobre as profissões nas cartolinas. Esta elaboração durou seis aulas em dias diferentes. Os alunos de psicologia auxiliaram na realização do trabalho tirando dúvidas, sugerindo e possibilitando, de forma coesa, o trabalho em equipe. 3.6.4 Intervenção 4 Participação em HTPCs com o objetivo de apresentar o trabalho desenvolvido com os alunos da 5ª1 aos professores e direção, para promover o início da desestigmatização.

4. Resultado e Discussão

Após 6 observações e 20 sessões o trabalho de intervenção se iniciou na sala de aula, direto com os alunos, para depois ser direcionado à equipe escolar. Nas observações das aulas, percebeu-se que os alunos não eram indisciplinados. Apenas ocorriam situações de indisciplina diante de determinados professores. A queixa escolar apontava alunos em estado de anomia, o que para Piaget (1994), se caracteriza como a ausência plena de regras. A expectativa era que a 5ª1 apresentasse alunos com comportamentos anárquicos, mas o contato com a sala mostrou uma realidade diferente. Na Intervenção 1 constatou-se dificuldades de leitura e escrita devido ao pouco exercício do mesmo. Atividades de ler e escrever eram processos restritos ao conteúdo didático escolar, para os quais, eles não viam aplicação em seu cotidiano. Constatou-se que, no dia-a-dia, os alunos realizavam leituras extra-escolares, sobre assuntos de seus interesses. Assim, desenvolveram-se, em sala, leituras dos materiais de interesse o que culminou na participação assídua da sala. Para trabalhar com as regras, desenvolveu-se o trabalho com um Placar buscando a modelagem de comportamentos adequados através do reforço positivo, alternativa à punição, como proposto por Skinner (1975) e Sidman (2001). Os alunos apresentaram conhecimento das regras escolares, não havendo, entretanto, compreensão de sua finalidade para o convívio social. Ao mesmo tempo em que sabiam apontar que tipos de condutas atrapalhavam as atividades, muitas vezes emitiam tais condutas. Sendo assim, através dos relatos obtidos com a dinâmica aplicada na intervenção 1, estruturou-se junto com os alunos, o Placar (anexo 1). A intenção, além de trabalhar a importância das regras, foi dar a responsabilidade pela cobrança das regras aos próprios alunos. Quando um aluno emitia um comportamento de bagunça, imediatamente os outros apontavam o que ele estava fazendo, possibilitando que ele percebesse a ocasião em que seus comportamentos poderiam ser interpretados como indisciplinados. Os alunos atingiram os pontos após seis dias de intervenção. Após algumas aulas, os alunos não mais perguntavam sobre os pontos, mas ainda assim, continuavam se cobrando para manter as regras previamente estabelecidas. Este trabalho evidenciou indícios de que os alunos da 5ª1 estavam na fase da heteronomia segundo Piaget (1994), e não em uma fase anômica, como anteriormente relatado pela equipe escolar. O aluno L (segundo a equipe escolar, o pior aluno da sala) apresentava diversos comportamentos inadequados para o contexto escolar. Este aluno se descreveu como o mais engraçado da sala. O reforço presente neste contexto era a atenção, um reforçador generalizado. Segundo Skinner (1975) há diversos reforçadores generalizados, dentre eles a atenção e a aprovação, o que possibilita a manutenção e aumento na frequência de determinados comportamentos. O comportamento do aluno L somente se alterou quando a classe parou de

lhe dar atenção e aprovação (sorrindo) e passou a puni-lo (cobrando e pedindo colaboração). A situação de cobrança dos outros alunos, aos poucos, foi se tornando uma situação aversiva para L. A resposta de fazer graças do aluno estava sendo punida e por isso a sua frequência diminuiu. Passou-se então, a reforçar um comportamento incompatível ao de bagunçar, o que a longo prazo, possibilitou que L fosse aplaudido por ter se comportado de maneira adequada, perguntando se receberia palmas sempre que se comportasse bem. Percebeu-se um estereótipo posto nos alunos da 5ª1. A fala de muitos professores sinalizava para a quase inexistência de alunos capazes de realizar atividades de leitura e escrita, gerando o fenômeno da indefensibilidade aprendida (Seligman, 1975), citado por Marchesi (2004), atribuindo o fracasso escolar a causas externas, colocando principalmente, a família e o próprio aluno como o pivô de tal fracasso, produzindo baixa auto-estima e sentimentos de incapacidade frente às atividades propostas. O momento da intervenção 3 se constituiu na confecção de cartazes para mostrar a profissão que os alunos gostariam de ter (anexo 2). Em cerca de seis aulas os cartazes foram confeccionados. A possibilidade de ter um trabalho exposto pela primeira vez aumentava a auto-estima destes alunos. Assim, organizaram-se e conseguiram trabalhar durante o período disponibilizado. Com base nos dados coletados nas intervenções anteriores iniciou-se a intervenção 4, que consistiu na apresentação do trabalho à equipe escolar em dois momentos: o primeiro, mostrando o trabalho antes de sua finalização, e depois, mostrando o trabalho finalizado. No primeiro HTPC, com o trabalho ainda em andamento, não se atingiu o objetivo esperado, pois os professores se mostraram desinteressados e dispersos. Chegou-se à conclusão de que havia uma resistência dos professores diante de mudanças, por implicar na desconstrução de ideias e crenças construídas ao longo de uma jornada profissional e pessoal (Jorge, 1996). Neste mesmo HTPC, os cartazes, ainda inacabados, foram mostrados à equipe escolar. O cartaz do aluno L chamou atenção por sua qualidade. No dia seguinte, o aluno L procurou os alunos de psicologia para contar que a Coordenadora o havia elogiado por estar realizando as atividades. Esse momento foi muito significativo, pois a escola estava trabalhando na transferência do aluno L para uma escola especial e, após a apresentação de seu trabalho, percebeu-se que o aluno era capaz de aprender e se desenvolver (percepção esta que resultou no cancelamento do processo de transferência). A segunda apresentação ocorreu com a presença de uma quantidade maior de professores que lecionam para a 5ª1, possibilitando um debate mobilizador ao final da apresentação. Uma devolutiva foi agendada com a vice-diretora, na qual se avaliaram os pontos positivos e negativos do trabalho. Foram salientados os comportamentos indisciplinados que alguns docentes emitiram durante os HTPCs, indo em direção contrária ao que exigiam dos alunos (padrões de respostas que não existiam em seus próprios repertórios, além da emissão de comportamentos coercitivos). A vice-diretora aceitou as críticas, concordando e se posicionando igualmente. Ao final do trabalho, atingiram-se todos os objetivos propostos - construiu-se procedimentos para o enfrentamento das situações problemas, que trouxeram resultados positivos, sendo sinalizada pela direção da escola a intenção de continuidade do trabalho, que de acordo com as palavras da Vice-diretora da escola, possibilitou ver que há uma luz no fim do túnel (sic).

5. Considerações Finais

A realização deste trabalho possibilitou a compreensão da atuação do psicólogo no âmbito da educação, seguindo as delimitações de uma atuação institucional, além de possibilitar reflexões acerca da importância deste profissional no contexto escolar, bem como do estabelecimento de relações pautadas pela confiança e respeito, possibilitando um trabalho significativo, tanto pessoal quanto profissionalmente. Os resultados obtidos em cerca de 90 dias de intervenção mostram que existem dificuldades e obstáculos enfrentados na educação, mas também que é possível haver movimentos na estrutura e organização escolar possibilitando melhoras no processo de ensino-aprendizagem, através da mediação de um Psicólogo.

Referências Bibliográficas

- MACHADO, Adriana Marcondes. Avaliação e fracasso: a produção coletiva da queixa escolar. In: AQUINO, Julio Groppa. (Org.). Erro e Fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.
- REGO, Teresa Cristina R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva Vygotskiana. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.
- ARAUJO, Ulisses Ferreira. Moralidade e Indisciplina: Uma leitura possível a partir do Referencial Piagetiano. In: AQUINO, Julio Groppa. (Org.). Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.
- MARCHESI, Álvaro. Os alunos com pouca motivação para aprender. In COLL, César e Colaboradores. Desenvolvimento psicológico e educação: Transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais. Volume 3. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- PIAGET, Jean. O Juízo Moral na Criança. São Paulo: Summus, 1994
- JORGE, Leila. Inovação curricular: além da mudança de conteúdos. Piracicaba: Editora Unimep, 1996
- SKINNER, B. F. Ciência e Comportamento Humano. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1953
- VYGOTSKY L.S. A formação social da mente. Ed Martins Fontes, 1985
- SIDMAN, M. Coerção e suas implicações. Ed Livro Pleno, 2001
- PASQUALI, L. (org.) (2001) Técnicas do Exame Psicológico TEP Manual. Volume I: fundamentos das técnicas psicológicas. São Paulo: Casa do Psicólogo/ Conselho Federal de Psicologia

